

ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO A LEITURA DE LIVROS INFANTO JUVENIS: UM ESTUDO BASEADO NAS SAGAS *PERCY JACKSON* E *HARRY POTTER*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo Investigar as estratégias para o incentivo à leitura de livros infanto-juvenis, utilizando os primeiros livros das sagas *Percy Jackson* e *O Ladrão de Raios* do autor Rick Riordan e *Harry Potter* e *A Pedra Filosofal* da autora J.K Rowling como base de estudo, a fim de identificar as estratégias que possam motivar os jovens leitores e ganhar o seu interesse pela literatura. É uma pesquisa qualitativa descritiva. Na abordagem qualitativa e crítica o universo de pesquisa deste estudo é o Google Scholar, Brapci, Portal da CAPES e Scielo. A população consiste nas literaturas encontradas que abordam o tema, definidas pelas palavras-chaves utilizadas. A amostra sendo a análise dos resumos de cada artigo encontrado, para se “encaixar” na temática, e selecionar os mais relevantes.

Palavras-Chaves: Hábitos de leitura; Estratégias de leitura; Sagas; *Percy Jackson* ; *Harry Potter*.

STRATEGIES FOR ENCOURAGING THE READING OF CHILDREN'S BOOKS FOR YOUNG PEOPLE: A STUDY BASED ON THE *PERCY JACKSON* AND *HARRY POTTER* SAGAS

ABSTRACT

This article aims to investigate strategies to encourage the reading of children's books, using the first books of the *Percy Jackson* and *The Lightning Thief* sagas by author Rick Riordan and *Harry Potter* and *The Philosopher's Stone* by author J.K. Rowling as a basis for study, in order to identify strategies that can motivate young readers and gain their interest in literature. It is a descriptive qualitative research. In the qualitative and critical approach, the research universe of this study is Google Scholar, Brapci, CAPES Portal and Scielo. The population consists of the literature found that addresses the topic, defined by the keywords used. The sample is the analysis of the abstracts of each article found, to “fit” the theme, and select the most relevant ones.

Keywords: Reading habits; Children's books; *Percy Jackson*; *Harry Potter*; *Booktok*; *Booktube*; *Booktubers*;

1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma habilidade fundamental para o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças e adolescentes, desempenhando um papel crucial para o crescimento. No entanto, tem se observado uma diminuição no interesse pela leitura entre o público infanto-juvenil, sendo essencial a adoção de estratégias que estimulem essa prática. No contexto, as obras de *Percy Jackson* do autor

Rick Riordan, e *Harry Potter* da autora *J.K. Rowling*, se destacam não apenas pelo sucesso comercial, mas também pela capacidade de cativar os leitores e os colocarem para explorar o universo da literatura.

Segundo Guimarães, Morais e Anacleto ([s.d.], p.2) compreender a poesia, especificamente para o público infantil, pode requerer um trabalho especial durante o processo voltado para sua abordagem em sala de aula por parte do docente. Também é importante saber como as plataformas com suas comunidades têm o potencial de influenciar o leitor.

O artigo tem como objetivo trazer as estratégias que têm o potencial de fomentar a leitura de obras infanto-juvenis com os livros das sagas de *Percy Jackson* e *Harry Potter*, expondo como a imaginação e a narrativa das obras podem promover o gosto pela leitura desde a infância.

Segundo Figueira (2000, p.2, apud de Cardoso, 1981, p.5) Partindo de sua nova realidade, as obras infanto-juvenis se ramificaram “por todos os caminhos da atividade humana e, mesmo se situando em espaço próprio, segue todas as estéticas tradicionais (Romantismo, Realismo, Simbolismo), todos os temas vigentes”. Pouco a pouco, foi deixando de lado o maniqueísmo, passando a valorizar as aventuras, realidades quotidianas, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras. Às vezes, os enredos até entram no campo da política e de suas implicações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O campo relativo aos estudos de usuários da informação ocupa historicamente um espaço importante no âmbito da Ciência da Informação, possuindo uma larga tradição de pesquisas empíricas e acumulação de conhecimentos teóricos (Baptista, Cunha 2007 *apud* de Pinheiro, 1982, p.66). A origem desses estudos remonta à Universidade de Chicago, onde na década de 1930 foram realizados os primeiros estudos com usuários de bibliotecas voltados para a identificação de hábitos de leitura e para o potencial socializador da biblioteca – posteriormente conhecidos como “estudos de comunidade” (Leitão, 2005).

Conforme diz Araújo (2012, p.6) os primeiros estudos de usuários da informação buscavam, então, estabelecer uma série de indicadores demográficos, sociais e humanos das populações atendidas pelas bibliotecas (ou não atendidas, no caso dos “não-usuários”), mas com um foco muito

particular: o levantamento de dados, como uma espécie de diagnóstico, para o aperfeiçoamento ou a adequação dos produtos e serviços bibliotecários.

Segundo Araújo (2013, p.10) os três modelos de estudo sobre os sujeitos (usuários) são:

- 1) Positiva: Apontando a abordagem tradicional, reunindo em dados e características demográficas do usuário.
- 2) Crítico: Destaca a análise das relações sociais e contextos que influenciam o comportamento informacional.
- 3) Fenomenológico: Demanda compreender as experiências e significados que os usuários atribuem às interações com a informação.

A Ciência da Informação apresentou, desde sua origem, um vasto conjunto de correntes teóricas e subcampos de estudos. Várias foram as tentativas de sistematizar os diversos estudos produzidos na área. Uma delas foi elaborada por Rafael Capurro, em sua passagem pelo Brasil em 2003 (Araújo, 2012, p.1). Para Cavalcanti (2008, p.12) é apresentada a ideia que as investigações com intuito de saber o que os indivíduos necessitam em matéria de informação, ou se estão sendo atendidos de maneira adequada pela unidade de informação, é denominado pela literatura da área da biblioteconomia e ciência da informação como estudo de usuários. A realização de uma pesquisa para compreender as necessidades de informação dos indivíduos e avaliar se as necessidades estão sendo satisfeitas é essencial para o desenvolvimento de serviços de informação eficazes.

Segundo Palleta (2023, p.15 apud de Trivinos, 2008). O estudo descritivo tem como foco, conhecer a comunidade e exige do pesquisador muitas informações sobre o que se deseja pesquisar. O conhecimento descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade. É qualquer atividade humana observável e rica em detalhes que permita interferir futuros padrões de conduta. Essa técnica se baseia na formulação a um conjunto de usuários, de questões relativas a uma última ou mais significativa ocasião em que tenham necessitado de informações adicionais para o desempenho de suas atividades (Palleta, 2023, p.19 apud de Gonzalez Teruel, 2005, p.145).

Para Tanus (2014, p.15) o lado desse novo tipo de sujeito, houve também uma abertura da compreensão das necessidades, busca e uso de informação em outras fontes de informação, como as histórias em quadrinhos, as redes sociais, as instituições sociais como arquivos, bibliotecas e museus (reais ou virtuais), e nos próprios contextos dos usuários, os quais passam a ser localizados distantes no centro, do poder.

Segundo Cunha (1982, p.10) o método de análise documentária é aquele que coleta dados sobre estudos de usuários sem interrogá-los ou observá-los de uma forma direta. Neste método os dados são coletados através de documentos já existentes, tais como: Estatísticas de bibliotecas, referência de obras citadas, anotações, textos, etc. Esse método é muito pouco utilizado em estudo de usuários.

Vantagens:

- a) quando dados são completos e cuidadosamente registrados, após serem analisados, apresentam as mais específicas informações obtidas sobre as necessidades de usuário;
- b) Quando os usuários estão bem conscientes a respeito da importância da pesquisa e quando utilizados formulários para facilitar o rápido registro de fatos, o método apresenta-se bastante eficiente.(Cunha, 1982, p.10).

2.1 Hábitos de Leitura

Segundo Yubero, Larrañaga, Pires (2014, p.7) Se é verdade que ninguém nasce leitor e que nunca conheceremos com rigor o que leva alguém a tornar-se um bom leitor, sabemos, isso sim, que se trata de um hábito adquirido desde cedo, em que a imitação e o exemplo desempenham um papel decisivo. É explicado pelos autores que é um reconhecimento de que a leitura não é uma habilidade inata, mas hábito que se desenvolve ao longo do tempo, moldada por influências externas, como o exemplo de outros leitores, especialmente na infância. Essa ideia nos leva a refletir sobre o papel crucial dos educadores e até figuras públicas desempenham na construção desse hábito.

A criança que cresce rodeada de adultos leitores e que se habitua a contactar com os livros como objetos do seu cotidiano terá melhores condições para desenvolver práticas regulares de leitura, tornando-se mais tarde um adolescente com progressiva autonomia para decidir quando lê, o que lê, como lê. Ao chegar ao Ensino Superior, será provavelmente um jovem adulto dotado de uma desenvoltura intelectual capaz de traçar o seu próprio caminho e de encetar o seu percurso de descoberta sem fim. (Yubero; Larrañaga; Pires, 2014)

Segundo Freitas e Santos (1991), para dar conta da menor e maior frequência de leitura de livros traça-se uma tipologia de leitores baseada no número de livros lidos no decurso do último ano, designa-se por *pequenos leitores*, os inquiridos que leram entre 1 (um) a 5 (cinco) livros; *médios leitores*, os que leram entre 6 (seis) a 20 (vinte) livros; E os *grandes leitores*, os que leram acima de 20 livros. Conforme os autores Yubero, Larrañaga; Pires (2014, pág. 53) os estudantes predominam os que leem algumas vezes por semana e no género literário que selecionam predomina

o romance. comentam Em geral, os estudantes são encaminhados para a leitura porque gostam, mas também se destaca a leitura instrumental.

2.2 Estratégias de Leitura

No artigo de Botelho, Teceiro e Covaleskia (2012, p.1) a partir do desenvolvimento desenfreado do entretenimento, dentre as multiplataformas existentes, a literatura, aos poucos, foi esquecida do cotidiano de muitas crianças e adolescentes. Boa parte delas se voltou ao prazer instantâneo, trazido por outros tipos de mídia como a televisão, os jogos eletrônicos, o cinema e a internet. Frente a esta realidade, a indústria literária buscou soluções que sanassem este afastamento, e viu no próprio entretenimento uma via de comunicação direta a seu público-alvo. A estratégia audiovisual, antes distante do cenário comum aos livros, tornou-se uma ferramenta vital para que os olhos de crianças e jovens pudessem voltar seus interesses novamente às livrarias.

A publicidade editorial, antes restrita às simples divulgação dos novos títulos lançados no mercado, começou aos poucos a produzir novas informações e inseri-las nas mídias de maior contato com o público-alvo, como canais infantis de tevê a cabo e portais recreativos da internet. Mas foi com o início das adaptações cinematográficas de livros infanto-juvenis que o mercado encontrou o espaço que precisava para se reerguer. Superproduções como *Harry Potter* (2001) e *O Senhor dos Anéis* (2001) renderam espaço para que seus respectivos livros entrassem na lista dos mais vendidos de todos os tempos (Botelho, Teceiro e Covaleskia, 2012).

Também no artigo de Botelho, Terceiro e Covaleskia (2012, p.2) a escolha deste tema se deu a partir da observação de um novo cenário na indústria da literatura infanto-juvenil – em constante produção e movimento – e do interesse pelos fatos e ações que levaram esta cultura a tal ponto, a partir da visão da publicidade envolvida no meio comunicacional. Tudo isto buscando entender e explicar, como o incentivo à leitura para este público, visto por pedagogos como importante forma de desenvolvimento vocabular, informativo, cultural e social, está convertendo-se, aos poucos, em uma grande ferramenta econômica para a indústria literária.

A importância do ato de ler, tão defendido por Paulo Freire em seus escritos, encontrou um incentivador essencial para que crianças e jovens iniciaram e desenvolveram seu repertório cultural. Para o educador, “muito da insistência dos professores em que os estudantes leiam, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler.” (Botelho, Terceiro e Covaleskia, 2012 *apud* de Freire, 1991, p.17). Isto nos leva a pensar na

paradoxal importância social da publicidade literária. Se por um lado, é um direcionamento para que uma criança compre um livro pelo simples impulso de possuí-lo e empoleira-lo em sua coleção, por outro, é a incitação necessária para que conheça o universo da leitura e a partir daí prossiga por novos vieses da tipologia textual.

Segundo Botelho, Terceiro e Covaleskia (2012, p.4) quando falamos em publicidade é normal que a primeira referência que se venha à mente sejam os comerciais para tevê e toda a estrutura pré-concebida de enredo, narração e dramatização que lhe são característicos. Tais referências estão intrinsecamente ligadas ao cotidiano do ser humano e a suas faculdades biológicas como a visão e a audição. Outra técnica publicitária com maiores chances de visualização e identificação com o produto é a obtenção de um espaço reservado para a aparição de livros em um programa de televisão. Assim, o apresentador representa o papel de um amigo que indica um bom material de leitura, supostamente baseado em experiência própria. Esta estratégia possibilita atingir um público-alvo definido, além de permitir uma associação mais íntima do produto com alguma personalidade do universo de interesse infanto-juvenil, agregando uma maior credibilidade ao anúncio.

Um exemplo desta forma de abordagem é o programa infantil Dango Balango, produzido pela Rede Minas e exibido pela TV Brasil. Apresentado por bonecos criados pelo grupo Giramundos, o programa é formado por diversos quadros que se alternam, nos quais as personagens interagem. Um destes quadros é protagonizado por uma personagem denominada Traça, um livreiro que, a cada episódio, recomenda um livro infantil para os espectadores, contando uma breve sinopse e avaliando-o como uma ótima leitura. Esta estratégia não se limita à televisão. Atualmente, algumas livrarias e editoras também patrocinam canais de entretenimento online (sites, blogs e canais de vídeo) para que seus lançamentos sejam abordados em meio ao conteúdo disponibilizado. Botelho, Terceiro e Covaleskia (2012).

2.3 Sagas Literárias

Conforme explica os autores Burlamaque Barth (2017, p. 2) As sagas são constituídas de uma interessante hibridação – mitos e elementos da tradição oral são resgatados e reconfigurados com os valores contemporâneos, e, além disso, a mesma história é contada por diferentes sistemas intersemióticos.

O termo saga é de origem norueguesa e seu significado está atrelado ao verbo segja, que significa contar. Originalmente, a saga identificava um gênero oral específico – composições épicas, associadas às culturas nórdicas e germânicas, que narravam façanhas e feitos memoráveis. (Burlamaque; Barth, 2017, p. 3).

Podemos compreender que as sagas literárias voltadas para um público infanto-juvenil surgem como um fenômeno na sociedade ocidental durante o século XX, tendo como obra desencadeadora a saga *Harry Potter*, escrita pela autora britânica *J.K. Rowling*. *Harry Potter* consiste em uma literatura fantástica que gerou uma série de sete livros que traz um mundo mágico através da estória de um menino órfão (cujo nome designa a obra) que aos 11 anos descobre que é um bruxo e no decorrer dos livros trava uma batalha com o maior bruxo das trevas e também assassino de seus pais, o *Lord Voldemort*. (Vasconcellos; Lages, [s.d], p.2). Por outro lado, a autora Moraes ([s.d] p.3) complementa explicando a obra do autor *Rick Riordan*. *Percy Jackson* é um menino de 12 anos, vivendo a rotina normal de escola, amigos e família que boa parte das crianças dessa idade vive. Contudo, ele acaba descobrindo que mais do que um mero préadolescente, ele é um semideus, filho nascido pela relação de uma humana com um Deus, no caso, Poseidon.

Conforme os autores (Burlamaque; Barth, 2017, p. 3). A saga é uma história familiar, uma grande narrativa sobre os vínculos familiares e a evolução genealógica de uma estirpe. O sentido de clã seria a base de uma saga: uma história de identificação, narrativas contadas para cristalizar a futuras gerações os grandes feitos dos seus antepassados, o universo do pai, do filho, dos irmãos e da hereditariedade. Atualmente, o termo saga teve seu sentido ampliado e passou a ser aplicado a narração seriais fantásticas com conteúdos imaginários.

Estruturalmente as sagas também têm como característica a contínua expansão: são histórias sem fim, pois não se resumem a um livro e até podem ser representadas e adaptadas em vários meios concomitantemente. A saga fantástica configura um conjunto transficional: uma história ou um universo coabitam em diversos suportes e linguagens. (Burlamaque; Barth, 2017, p.4).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos (Gil, 1987, p.19) e para Cervo e Bervian (1983, p.50) é uma atividade voltada para a solução de problemas através do emprego de processos científicos.

Segundo Prodanov (2013), podemos definir o método como caminho para chegarmos a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingirmos o conhecimento.

Para que o conhecimento seja considerado científico, é necessário analisar as particularidades do objeto ou fenômeno em estudo. A partir desse pressuposto, Lakatos e Marconi (2007) apresentam dois aspectos importantes:

a) a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade;

b) Um mesmo objeto ou fenômeno pode ser observado tanto pelo cientista quanto pelo homem comum; o que leva ao conhecimento científico é a forma de observação do fenômeno.

O conhecimento científico difere dos outros tipos de conhecimento por ter toda uma fundamentação e metodologias a serem seguidas, além de se basear em informações classificadas, submetidas à verificação, que oferecem explicações plausíveis a respeito do objeto ou evento em questão (Prodanov, 2013, p.22)

Assim, ao analisar um fato, o conhecimento científico não apenas trata de explicá-lo, mas também busca descobrir e explicar suas relações com outros fatos, conhecendo a realidade além de suas aparências. O conhecimento científico é considerado como:

a) acumulativo, por oferecer um processo de acumulação seletiva, em que novos conhecimentos substituem outros antigos, ou somam-se aos anteriores;

b) útil para a melhoria da condição da vida humana;

c) analítico, pois procura compreender uma situação ou um fenômeno global por meio de seus componentes;

3. 1 Tipo de pesquisa

A pesquisa qualitativa descritiva. Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número

possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados. (Prodanov, 2013).

Conforme explica Prodanov (2013, p.78) revisão de literatura tem papel fundamental no trabalho acadêmico, pois é através dela que você situa seu trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual faz parte, contextualizando-o. Situar seu trabalho é muito importante tanto para você quanto para o leitor do seu texto: para quem escreve, porque precisará definir os autores pertinentes a fim de fundamentar seu trabalho, o que demandará uma leitura vasta, constante e repetida; e, para quem lê, porque pode identificar a linha teórica em que o trabalho se insere com base nos autores selecionados para a revisão de literatura.

Assim, a revisão da literatura pode ser vista como o momento em que você situa seu trabalho, pois, ao citar uma série de estudos prévios que servirão como ponto de partida para sua pesquisa, você irá “afunilando” sua discussão. Através da revisão de literatura, você reporta e avalia o conhecimento produzido em pesquisas prévias, destacando conceitos, procedimentos, resultados, discussões e conclusões relevantes para seu trabalho. Nessa parte do trabalho, você discutirá as questões relacionadas ao estado da arte da área em que sua pesquisa se insere (Prodanov, 2013, p.79).

3.2 Universo, população e amostra

Na literatura de Prodanov, é elaborada uma diferenciação entre universo, população e amostra dentro da metodologia do trabalho.

Explicado no livro do Prodanov (2013, p.98) a definição de alguns conceitos básicos é fundamental para a compreensão do problema da amostragem na pesquisa social. População (ou universo da pesquisa) é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo. A definição da população-alvo tem uma influência direta sobre a generalização dos resultados. Portanto, o pesquisador deve se preocupar com o tamanho e a qualidade da amostra, entendida como “um subconjunto de indivíduos da população-alvo”, sobre o qual o estudo será efetuado.

Conforme Prodanov (2013, p.98 apud de Lakatos; Marconi, 2007, p.225) “O universo ou a população-alvo é o conjunto dos seres animados e inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum, sendo N o número total de elementos do universo ou da população, podendo ser representado pela letra maiúscula X, tal que: $XN = X1; X2; \dots; XN$ ”. Já a amostra “é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo.”

Amostra é parte da população ou do universo, selecionada de acordo com uma regra ou um plano. Refere-se ao subconjunto do universo ou da população, por meio do qual estabelecemos ou estimamos as características desse universo ou dessa população. A amostra pode ser probabilística e não probabilística (Prodanov, 2013, p.98).

Desta forma, o universo de pesquisa deste estudo é o Google Scholar, Brapci, Portal da CAPES e Scielo. A população consiste nas literaturas encontradas que abordem o tema, definidas pelas palavras-chaves utilizadas durante a pesquisa: “*Hábitos de leitura*”; “*Estratégias de leitura*”; “*Sagas*”; “*Percy Jackson*”; “*Harry Potter*”. A amostra sendo a análise dos resumos de cada artigo encontrado, para se “encaixar” na temática, e selecionar os mais relevantes.

4 RESULTADOS

- Selecionar o volume 1 (um) das sagas *Percy Jackson* (O Ladrão de Raios) e *Harry Potter* (Pedra Filosofal):

No primeiro livro da saga O Ladrão de Raios, *Percy* deve viajar pelos Estados Unidos para capturar o culpado que tomou a principal arma de destruição em massa – o raio do deus *Zeus*. Ao longo do caminho, ele deve enfrentar vários inimigos mitológicos decididos a detê-lo. Mais importante, ele deve ir se encontrar com um pai que ele já conheceu e um oráculo que o alertou sobre a traição do companheiro. (Lu, 2022, p.3)

Por causa das brigas e rivalidades entre *Zeus* e *Poseidon*, *Percy Jackson* foi acusado de roubar o raio mestre a pedido de seu pai. Para provar sua inocência, *Percy* aceita a missão profetizada pelo Oráculo. O destinatário sujeito é *Percy Jackson*, pois é o acusado de roubar o raio mestre de *Zeus* e quem se dispõe a ir em uma missão, à procura do verdadeiro responsável pelo roubo. O objeto de valor do destinatário do sujeito é o desejo de salvar sua mãe *Sally*, que foi atacada abduzida misteriosamente por um Minotauro, ao tentar proteger *Percy* (Souza, Piassi, 2014, p.8).

Além de tentar salvar a mãe, *Percy* também pretende provar sua inocência, pois perdeu sua paz ao ser perseguido por criaturas mitológicas e monstros, e esta perseguição se dá pelo fato de o considerarem o ladrão do raio.(Souza, Piassi, 2014, p.8).

O enredo ocorre em diversos lugares do mundo, e se desenvolve entre os aspectos da realidade e da fantasia. Na história, os deuses olímpicos estão nos Estados Unidos, e o símbolo do país é a águia de *Zeus*. As influências dos deuses estão em toda parte, e onde for a potência do ocidente, lá eles estarão. (Souza, Piassi, 2014, p.7).

O local exato do Monte Olimpo, morada dos deuses, é no Edifício Empire State, no aparentemente inexistente 600º andar, na cidade de Nova Iorque. O Monte Olimpo não é percebido pelos seres humanos, assim como toda presença sobrenatural é vista pelos humanos como se fosse uma névoa ou confusão(Souza, Piassi, 2014, p.7).

Nos aspectos da realidade percebemos como espaço a cidade de Nova Iorque e em relação aos aspectos relacionados a fantasia, percebemos a influência dos deuses de modo a ultrapassar os limites das profundezas da Terra, conhecido como submundo ou local de domínio do deus *Hades*, o mar, domínio de *Poseidon* e os céus, morada de *Zeus*.(Souza, Piassi, 2014, p.7).

Segundo a autora Rosa (2008,p.5) no livro de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (Rowling, ano 2000), o herói é apresentado como um bruxinho que cresceu sem saber de sua condição especial. Seus pais foram vítimas de um poderoso bruxo das trevas, *Lord Voldemort*, que não conseguiu matar *Harry*, ainda bebê, deixando-lhe apenas uma cicatriz na testa. Nessa tentativa, o bruxo perdeu seus poderes e desapareceu, fazendo do menino sobrevivente um prodígio, um salvador do mundo dos bruxos, que estavam aterrorizados sob esse poder maligno.

Nessa primeira aventura, a chegada de uma carta explicando a *Harry* que ele é um bruxo famoso e que os pais deram a vida em sua defesa, convidando-o a frequentar *Hogwarts*, a escola de magia, vem em hora crucial, quando ele está triste e desamparado, na véspera de seu 11º aniversário, pois sabe que não vai ganhar carinho ou presentes. (Rosa, 2008, p.5).

No ápice dessa primeira história, *Harry* e os amigos salvam a pedra filosofal das mãos de *Voldemort*. Essa pedra era o ideal dos alquimistas da Idade Média, pois teria o poder de transformar qualquer metal em ouro e produzir o elixir da imortalidade, sendo este último um dos maiores desejos de *Voldemort*. (Rosa, 2008, p.5).

- Comparar as abordagens de incentivo à leitura adotadas em *Percy Jackson* e *Harry Potter*:

O primeiro capítulo de *O Ladrão de Raios* é iniciado com uma advertência do personagem que pouco depois se identifica como *Percy Jackson*. Ele afirma que não queria ser um meio-sangue, pois é algo perigoso e assustador, e avisa ao leitor que continue lendo se for uma criança normal e achar que é pura ficção – mas que pare imediatamente se começar a se reconhecer nas páginas do livro, porque “Você pode ser um de nós. E assim que você sabe disso, é só uma questão de tempo até eles sentem isso também, e eles virão atrás de você. Não diga que eu não avisei” (Riordan 2005, p.1).

Conjugando lendas da mitologia greco-romana com aventuras e estilo de vida do século XXI, *Rick Riordan* consegue capturar o leitor jovem até o fim de cada história. Na internet pode-se perceber o fenômeno que é essa série. O fascínio é tanto que há comunidades online onde os fãs se reúnem para criar suas “fanfics” – *fanfictions*. Eles escrevem como se estivessem no “universo” dos personagens, inclusive seguindo o estilo do autor dos livros, as gírias de Percy, a maneira de narrar os acontecimentos e os “dramas psicológicos” que se passam nos pensamentos dos personagens, algo que é muito surpreendente pois, em geral, tem-se a impressão de que os jovens não gostam de produzir textos. (Mezari, 2011).

Isso mostra que, quando têm interesse, os leitores se dedicam ao livro, leem, releem, criticam, escrevem... Por isso defende-se, aqui, que o *O Ladrão de Raios*, “apesar” de ser um *Best Seller* pode, sim, ser uma maneira de aproximação muito útil com os clássicos, pois, ao mesmo tempo que traz elementos da mitologia greco-romana, tão distantes, se aproxima dos leitores com elementos modernos. A entrada para o “mundo inferior” fica em *Hollywood*, a entrada para o Monte Olimpo fica no alto do edifício *Empire States Building*, o personagem tem dificuldades com leitura, problemas na escola... Isso permite a identificação, inclusive pelo fato de que a história é narrada em primeira pessoa, ou seja, é o próprio *Percy* que conta suas aventuras. (Mezari, 2011).

Conforme explicado por Silva e Costa (2023,p.3) é importante lembrarmos que, a leitura de *Harry Potter* pode também ser de fruição, a depender da forma como for abordada. Temáticas com o bullying, violência, práxis educacionais, primeiro amor, relacionamento familiar, alienação parental, morte, assassinato, abuso de poder, feminismo, protagonismo juvenil, escravidão, são alguns dos vários temas que compõem as narrativas de *Rowling*, e que podem retirar o leitor do seu lugar comum se percebidos durante o processo de leitura.

Outro fator é que ao tratar de magia, mitologia, apresentar um mundo escondido dentro do outro, trazer uma nomenclatura nada agradáveis – como os “não bruxos”, chamados de “trouxas”, ou algo visto como uma forma pejorativa por muitas pessoas, alheias à crítica literária achando que a obra promovida não apenas magia, mas insultos. (Costa, Silva, 2023, p.4).

Ambas histórias pode-se dizer que possuem uma narrativa particular com a sua identidade. Por exemplo: *Percy Jackson e O Ladrão de Raios* foca na ação acelerada e no humor para atrair os leitores jovens, ao mesmo tempo que, *Harry Potter e A Pedra Filosofal* proporciona um envolvimento mais emocional e progressivo ao passar da história. Foi organizado um momento dos personagens das sagas, ambos não possuíam conhecimento pelo mundo mágico em sua volta.

No primeiro quadro *Percy* foi levado por seu melhor amigo Grover para conhecer o diretor do acampamento meio-sangue, o Sr.D ou o deus Dionísio e no segundo quadro o personagem *Draco Malfoy* convidou *Harry* para um duelo à meia-noite e o seu melhor amigo *Rony* explica sobre a função do padrinho em um duelo.

Tabela – Falas dos personagens principais dos livros *Percy Jackson e O Ladrão de Raios* e *Harry Potter e A Pedra Filosofal*.

<p>O Sr. D parecia ter seis anos de idade, como uma criancinha fazendo pirraça.</p> <p>– E... – gaguejei – o seu pai é...</p> <p>– Di imortales, Quíron – disse o sr. D. – Pensei que você tinha ensinado o básico a este menino. Meu pai é Zeus, é claro.</p> <p>Repassei os nomes começados com D da mitologia grega. Vinho. A pele de um tigre. [...] – Você é Dioniso – disse eu. – O deus do vinho.</p> <p>O sr. D revirou os olhos. – Como eles dizem hoje em dia, Grover? As crianças dizem, “fala sério”?</p> <p>– S-sim, sr. D.</p> <p>– Então fala sério, Percy Jackson. Achou o quê, que eu fosse Afrodite?</p> <p>– Você é um deus.</p> <p>– Sim, criança.</p> <p>– Um deus, você. (p.78)</p>	<p>Quando Draco foi embora, Rony e Harry se entreolharam.</p> <p>– O que é um duelo de bruxos? – perguntou Harry – E o que você quis dizer quando se ofereceu para ser meu padrinho?</p> <p>– Bom, o padrinho fica para tomar o seu lugar se você morrer – disse Rony com displicência, começando finalmente a comer o pastelão frio. Surpreendendo a expressão de Harry, acrescentou bem depressa: – Mas as pessoas só morrem em duelos de verdade, sabe, bruxos de verdade. O máximo que você e o Draco conseguirem fazer será atirar fagulhas um no outro. Nenhum dos dois conhece magia suficiente para fazer estragos. Mas aposto que ele esperava que você recusasse.</p> <p>– E se eu agitar minha varinha e nada acontecer?</p> <p>– Jogue a varinha fora e meta-lhe um soco na cara –</p>
---	--

	sugeriu Rony. (p.135)
--	-----------------------

- Identificar os elementos comuns e diferenças relevantes ao engajamento da leitura:

A literatura juvenil possui séries que fazem sucesso no mundo todo a ponto de serem adaptadas para o cinema, como no caso da série *Harry Potter* de *J.K. Rowling*. Tais séries atraem seus leitores devido à familiaridade encontrada com as personagens. Esta familiaridade é o que podemos chamar de identificação, ou seja, o jovem leitor percebe nas personagens características e atitudes bem semelhantes a que vivencia, principalmente nesta fase da vida em que a personalidade do jovem ainda está em formação. (Souza, Piassi, 2014, p.2).

Harry Potter e a Pedra Filosofal por *J. K. Rowling*, publicado em 1997 por *Bloomsbury Publishing*, e *Percy Jackson e O Ladrão de Raios* de *Rick Riordan*, publicado pela *Hyperion Books for Children* em 2005. Esses livros se enquadram na categoria de Literatura de fantasia, pois ambos têm elementos mágicos e irrealistas para eles. *Harry Potter e a Pedra Filosofal* inclui uma série de elementos mágicos, como bruxos, trolls, dragões e poções. (Dunlop, 2023, p.11).

O ponto de vista que ocorre em *Harry Potter* é um ponto de vista limitado em terceira pessoa. Para a maior parte do romance, o narrador está confinado a *Harry* e seus pensamentos, sentimentos, perspectivas, e percepções. No entanto, no primeiro capítulo, quando *Harry* é apenas um bebê, o narrador é confinado ao tio Valter no primeiro capítulo. Além disso, quando *Harry* joga Quadribol o ponto de vista muda de um foco em *Harry* e o que ele percebe, ser mais onisciente e concentre-se nas perspectivas das arquibancadas. Estes são os únicos casos em que o ponto de vista muda. O resto do romance é contado de uma perspectiva externa com uma visão do *Harry* vida emocional e cognitiva. (Dunlop, 2023, p.53).

O convite para os pensamentos e perspectivas de *Harry* dá a oportunidade de conhecê-lo, suas motivações e seus valores mais do que qualquer outro personagem. O leitor consegue seguir sua perspectiva sobre viver na fama, ser um novo bruxo, fazer malabarismos entre ser um bom amigo e seguir regras, e descobrir quem ele é enquanto também tenta salvar a Pedra Filosofal. O leitor, portanto, é convidado a explorar suas perspectivas e percepções

de diferentes situações. Por exemplo, o narrador apresenta o estado de espírito e as percepções de Harry que levaram à cerimônia do chapéu seletor (Dunlop, 2023, p.53).

Como mostrado anteriormente, Percy, o protagonista, serve como narrador em primeira pessoa em *Percy Jackson*, isso significa que o leitor só terá acesso à sua perspectiva pessoal do mundo e dos eventos que acontecem. Essa técnica narrativa convida o leitor para a narrativa e pode fazê-lo sentir-se parte da trama. Esse convite é proeminente desde a primeira página:(Dunlop, 2023, p.53).

“Olha, eu não queria ser um meio-sangue. Se você está lendo isso porque acha que pode ser um, meu conselho é: feche este livro agora mesmo. Acredite em qualquer mentira que sua mãe ou seu pai lhe contou sobre seu nascimento e tente levar uma vida normal”. (Riordan, 2005, p. 1)

O autor *Rick Riordan* busca tanto reconhecer o sentimento em seus protagonistas (criando assim um sentimento de resposta no público, que é levado a entender que a cidadania heróica depende não apenas de ações, mas também de atitudes) quanto perfurá-lo. Uma maneira de abordar o uso da ironia por *Riordan* é novamente considerá-lo no contexto de seu interesse em ensinar crianças sobre os clássicos. Nessa leitura, a ironia se torna a cobertura de açúcar que torna o didatismo palatável para os jovens, uma maneira de persuadir o leitor de que a série está "realmente" fora não para fazer seu público aprender a história de *Dédalo*, digamos, mas sim para criar uma sensibilidade humorística que torna possível para o aluno do sétimo ano cansado do mundo desfrutar (rindo de) um pedaço de capital cultural que o adulto mais sentimental inexplicavelmente considera importante. No entanto, essa maneira de explicar a ironia parece incompleta; por um lado, quanto mais completa a representação de um mito pela saga, menor a proporção de ironia. (Morey, Nelson, 2015,p.14).

Como *Harry Potter* e *Percy Jackson* são ambos romances de fantasia, ambos têm características que se alinham com isso. Essas características podem convidar à identificação, o que Keen (2007, p. xii) afirma que abre para a compreensão e o sentimento pelos personagens. Por exemplo, ambos os romances têm elementos que coincidem com a fantasia de busca de portal de Mendlesohn (2008, pp. xix-xx), pois eles entram em um mundo secundário onde se sentem deslocados. Isso pode ressoar com os leitores e fazê-los se identificar com a situação pela qual os protagonistas estão passando, pois eles podem ter passado por lutas semelhantes. (Dunlop, 2023, p.67 *apud* de Keen, 2007,p.xii, Mendlesohn, 2008, p.xix-xx).

Segundo Dunlop (2023, p.67) afirma que isso pode ressoar com os leitores e fazê-los se identificar com a situação pela qual os protagonistas estão passando, pois eles podem ter passado por lutas semelhantes. Outra de suas características da fantasia de busca por portal é o leitor aprendendo sobre o novo mundo junto com o protagonista, o que é o caso em ambos os romances. O leitor ouve e vê apenas o que *Harry* e *Percy* fazem, o que pode conectar a narrativa ao mundo do leitor e criar um vínculo entre eles. Essa técnica fantástica, e o vínculo que ela pode criar, pode promover a empatia, pois o leitor pode se sentir conectado ao protagonista. Isso pode tornar os leitores mais compreensivos e sentir emoções em relação a eles. Ao mesmo tempo, o vínculo que vem da experiência do fantástico ao lado de *Harry* e *Percy* pode fazer o leitor se sentir mais imerso no fantástico também.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, a partir do levantamento bibliográfico e da análise dos resultados obtidos, que as sagas *Percy Jackson* e *O Ladrão de Raios* e *Harry Potter* e *A Pedra Filosofal* desempenham um papel relevante no incentivo à leitura, especialmente entre jovens leitores em processo de desenvolvimento desse hábito. Embora estudos relacionados a esse tema ainda sejam escassos, especialmente em contexto brasileiro, as evidências apresentadas destacam o potencial dessas obras em promover o interesse pela leitura de forma prazerosa e engajante.

Conforme diz Souza, Plassi (2014,p.12) sobre a saga *Percy Jackson* “Com esta obra, acreditamos que seja possível incentivar os jovens ao hábito de leitura, principalmente por ser uma obra famosa e por ter a influência do cinema para atrair os leitores, permitindo que a leitura seja um hábito prazeroso, de satisfação e lazer, e não apenas uma obrigação escolar”. Já as autoras Silva, Costa (2023,p.9) complementam essa visão ao afirmarem que “assim, a saga de *Harry Potter* possui o que críticos chamam de literariedade não só pela gama de fantasia e criação como também pela possibilidade que o leitor jovem terá em ampliar as próprias expectativas, ver-se projetado em uma história que também pode ser sua devido aos temas referentes a adolescência. [...] por meio da

leitura de Harry Potter, o leitor jovem tem a possibilidade de ser outro estado de si mesmo. Sentir e experienciar o que o humaniza por meio de sensações que a arte pode oferecer.”

Ao longo das discussões aqui expostas, concluiu-se que as sagas Percy Jackson e O Ladrão de Raios e Harry Potter e A Pedra Filosofal podem sim influenciar na leitura e formação de novos leitores, as narrativas, falas e o universo das obras mantendo o interesse inserindo mais na literatura, muitas vez mostrando um lugar para se sentir bem, se identificar com os personagens narrados nos livros e como um local de fuga para onde podemos voltar. Portanto, é possível afirmar que ambas as sagas, através de suas narrativas envolventes e universos ricos com detalhes e profundezas, contribuem significativamente para a formação de novos leitores, oferecendo-lhes um espaço para de identificação e refúgio, além de fomentar o prazer pela leitura. Desta maneira as obras não apenas mantêm o interesse dos jovens, mas também os inserem mais profundamente no universo literário, promovendo a leitura como uma experiência transformadora e agradável.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO–UFMG, Carlos Alberto Ávila. O Sujeito Informacional no Cruzamento da Ciência da Informação com Ciências Humanas e Sociais. Santa Catarina: ANCIB, 2013. Acesso em 30 de agosto de 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação. **Ponto de acesso**, v. 4, n. 2, p. 2-32, 2010. Disponível em: < <https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/11040> > Acesso em 12 de agosto de 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. 2012. Disponível em: < https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31790258/paradigma_social_nos_estudos_de_usuarios-libre.pdf?1391473577=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DParadigma_social_nos_estudos_de_usuarios.pdf&Expires=1724186005&Signature=PrPqX3QUqxfaE5Zs5M16ZoKreLgMFHmhblmbFYrvStrr3JwP0j7MmCE2nispQncTY3upCzriReS1YKZcLh3Tiri1NOAio1HsKH5~7EfeKT8X-evQxn16b-EGx2ZkG77esrwwLWC8OYu5IMqjGT-hKm8ovG~L3MLpDISAhtHzfvTtjbVIs85DBh~uqc6LIpUp6~i8iH~20mnJW452Tv-TxWgCXP0aBF6UBhdr3zoeF~5gd9Z-tktA0f2eD5aoo1r9XqA1lshUbWjse9pyRSRW-QVukptC2chKDJCEb0T5on~oSv2nRgfXO3~19jIzgxZLNCAmYKMXAJIbfAQgH7Q_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA > Acesso em 20 de agosto de 2024

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 12, p. 168-184, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pci/a/h6HP4rNKxTby9VZzgzp8qGO/> > Acesso em 12 de agosto de 2024.

Langes, Isadora Santos; Vasconcellos, Débora Araújo de. EVERDEEN, BELLA SWAN E. KATNISS. FEMININA EM SAGAS JUVENIS. Disponível em: < https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2015/TRABALHO_EV046_MD1_SA6_ID1054_2404201523_2628.pdf > Acesso em 31 de agosto de 2024.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; BARTH, Pedro Afonso. Experiências literárias com sagas fantásticas: As crônicas de gelo e fogo e a criação de um novo universo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 18, n. 29, 2017. Disponível em: < <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/409/0> > Acesso em 31 de agosto de 2024.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica. 3.ed.** São Paulo: Mc GrawHill do Brasil, 1983. Acesso em 26 de julho de 2024.

DA CUNHA, Murilo Bastos. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 2, pág. 5-19, 1982. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/30334> > Acesso em 14 de setembro de 2024.

DE MORAES, Lidiana. Uma viagem pelo Olimpo no século XXI—A saga Percy Jackson e a mitologia grega fascinando jovens leitores. Disponível em: < <https://editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S5/lidianamoraes.pdf> > Acesso em 18 de setembro de 2024.

DE SC TANUS, Gabrielle Francinne. Enlace entre os estudos de usuários e os paradigmas da ciência da informação: de usuário a sujeitos pós-modernos. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, v. 10, n. 2, p. 144-173, 2014. Disponível em: < <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/290> > Acesso em 14 de setembro de 2024.

DE SOUSA, Ana Karolyne Nogueira et al. Estudo de usuários como abordagem para gestão da informação: um estudo aplicado na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará do Campus Iguatu. In: **I Encontro Internacional de Estudos de Usos e Usuários da Informação**. 2017. Disponível em: < <http://www.eneu2017.ufc.br/index.php/eneu/1/paper/view/11> > Acessado em 14 de agosto de 2024.

DUARTE, Ana Rita Ramalhete Guimarães. **Leitura e internet: o uso das redes sociais online pelos leitores**. 2020. Dissertação de Mestrado. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Portugal). Disponível em: < <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/20980> > Acesso em 27 de julho de 2024.

DUNLOP, Hennie. **Desenvolvendo empatia por meio da literatura fantástica: Uma análise comparativa de Harry Potter e a Pedra Filosofal e Percy Jackson e o Ladrão de Raios**. 2023. Dissertação de Mestrado. Høgskulen på Vestlandet. Disponível em: < <https://hvlopen.brage.unit.no/hvlopen-xmlui/handle/11250/3090812> > Acesso em 18 de setembro de 2024.

ECHER, Isabel Cristina. **A revisão de literatura na construção do trabalho científico**. **Revista gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 22, n. 2 (jul. 2001), p. 5-20, 2001. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/23470> > Acesso em 28 de julho de 2024.

GOMES, Caroline et al. A publicidade audiovisual literária como incentivo à leitura infanto-juvenil. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. 2012. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1618-1.pdf> > Acesso em 28 de julho de 2024.

FREITAS, Eduardo de; SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. **Inquérito aos hábitos de leitura**. 1991. Disponível em: < <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1207> > Acesso em 27 de julho de 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007. Acesso em 27 de julho de 2024.

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezello. Avaliação qualitativa e quantitativa numa biblioteca universitária. In: **Avaliação qualitativa e quantitativa numa biblioteca universitária**. 2005. p. 148-148. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-782502> > Acesso em 21 de agosto de 2024.

LU, Hayden. A Marxist approach on the movie Percy Jackson and the Lightning Thief. **International Journal of Research Studies in Education**, v. 11, p. 223-260, 2022. Disponível em: < <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&source=&id=W4307865844> > Acesso em 17 de setembro de 2024.

MEZARI, Meiry Peruchi. Intertextualidade como motivação para a leitura dos clássicos: de Percy Jackson e os Olimpianos para As Metamorfoses de Ovídio. **Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil**, n. 15, 2011. Disponível em: < <https://mafua.ufsc.br/2011/intertextualidade-como-motivacao-para-leitura-dos-classicos-de-percy-jackson-e-os-olimpianos-para-as-metamorfoses-de-ovidio/> > Acesso em 15 de setembro de 2024.

WULANDARI, Retno. Análise de fórmulas em Harry Potter e a Pedra Filosofal de J. K. Rowling e Percy Jackson e os Olimpianos de Rick Riordan: O Ladrão de Raios: Um Estudo Comparativo sobre Ficção Fantástica. Em: **Proceeding International Conference on English Literature** . Sebelas Maret University Press, 2010. p. 193-204. Disponível em: < <http://eprints.undip.ac.id/39078/> > Acesso em 18 de setembro de 2024.

YUBERO, Santiago; LARRAÑAGA, Elisa; PIRES, Natividade. **Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior. Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior**, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/2454> > Acesso em 27 de julho de 2024.